



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

**A EQUIVALÊNCIA NA TRADUÇÃO DE GÍRIAS: ANÁLISE COMPARATIVA
ENTRE O ROMANCE *THE CATCHER IN THE RYE* (1951) DE J. D. SALINGER E
SUA VERSÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO *O APANHADOR NO CAMPO
DE CENTEIO* (1965)**

DULCE MARIA SOUSA DE FREITAS

GUARABIRA

2024

DULCE MARIA SOUSA DE FREITAS

**A EQUIVALÊNCIA NA TRADUÇÃO DE GÍRIAS: ANÁLISE COMPARATIVA
ENTRE O ROMANCE *THE CATCHER IN THE RYE* (1951) DE J. D. SALINGER E
SUA VERSÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO *O APANHADOR NO CAMPO
DE CENTEIO* (1965)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

Área de Concentração: Tradução

Orientadora: Prof. Me. Aline Oliveira do Nascimento

GUARABIRA

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F866e Freitas, Dulce Maria Sousa de.

A equivalência na tradução de gírias [manuscrito] : análise comparativa entre o romance "The catcher in the rye" (1951) de J. D. Salinger e sua versão para o português brasileiro "O apanhador no campo de centeio" (1965) / Dulce Maria Sousa de Freitas. - 2024.

18 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Ma. Aline Oliveira do Nascimento, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Equivalência. 2. The Catcher in the Rye. 3. Tradução Literária. 4. Gírias. I. Título

21. ed. CDD 810

DULCE MARIA SOUSA DE FREITAS

**A EQUIVALÊNCIA NA TRADUÇÃO DE GÍRIAS: ANÁLISE COMPARATIVA
ENTRE O ROMANCE *THE CATCHER IN THE RYE* (1951) DE J. D. SALINGER E
SUA VERSÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO *O APANHADOR NO CAMPO
DE CENTEIO* (1965)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

Área de Concentração: Tradução

Aprovada em: 18/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Aline Oliveira do Nascimento

Prof. Me. Aline Oliveira do Nascimento (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Auricélio Soares Fernandes

Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Waldir Kennedy Nunes Calixto

Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Nossa Senhora por ser meu alicerce e interceder por mim nos momentos mais difíceis da vida; tudo o que tenho eu consagro a Ela. Sua presença em minha vida é um farol que me guia e ilumina, especialmente nos momentos de maior escuridão e dúvida. Sem sua bênção e intercessão, muitas vezes teria me sentido perdida e desamparada.

Aos meus pais, Milena Ferreira e Alexandre Cabral, que em todos os dias de suas vidas não pouparam esforços para que eu realizasse todos os meus sonhos, sou imensamente grata por tudo e os amo incondicionalmente. Vocês foram mais do que pais; foram exemplos de coragem, perseverança e amor incondicional. Vocês me ensinaram que com dedicação qualquer obstáculo pode ser superado.

Agradeço à minha orientadora, Aline Oliveira do Nascimento, por toda a dedicação e paciência que teve comigo durante o período de escrita do artigo. Cada reunião, cada correção e cada palavra de incentivo foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

Aos meus queridos amigos e companheiros de curso, Isabele Ribeiro e Tarcísio Marcelo, agradeço por cada momento compartilhado e por toda parceria e amizade durante essa trajetória. Vocês estiveram ao meu lado não apenas como colegas, mas como verdadeiros amigos, sempre dispostos a oferecer apoio e compreensão. A amizade de vocês é um tesouro que guardarei para toda a vida, e sou profundamente grata por cada risada, cada conversa e cada vitória compartilhada.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui, seja por meio de apoio emocional, intelectual ou simplesmente pela companhia, cada um de vocês teve um papel essencial durante esta trajetória e conquista. Sem o apoio, amor e o carinho de cada um de vocês, esta conquista não teria sentido.

Por fim, agradeço a Deus por me dar forças, sabedoria e coragem para enfrentar cada desafio. Em cada momento de dúvida e incerteza, senti Sua presença confortante e Seu amor inabalável. Suas bênçãos me deram a força para continuar e a coragem para superar cada obstáculo que surgiu em meu caminho. Que todas as minhas conquistas sejam uma forma de retribuir todo o amor e a bênção que recebi ao longo desta caminhada. A fé em Ti foi meu refúgio e minha fortaleza, e a Ti dedico cada vitória alcançada.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LO	Língua original
LT	Língua da tradução
TLO	Texto na língua original
TLT	Texto na língua da tradução
TO	Texto original

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 DEFININDO AS GÍRIAS	11
3 EQUIVALÊNCIA NA TRADUÇÃO: CONCEITOS E AVERSÕES	12
4 ANÁLISE DA OBRA.....	14
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
6 REFERÊNCIAS	19

A EQUIVALÊNCIA NA TRADUÇÃO DE GÍRIAS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O ROMANCE *THE CATCHER IN THE RYE* (1951) DE J. D. SALINGER E SUA VERSÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO *O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO* (1965)

Dulce Maria Sousa de Freitas¹

RESUMO

Este artigo explora o processo de tradução de gírias e expressões coloquiais, utilizando como objeto de estudo a obra *The Catcher in the Rye* (1951) de Jerome David Salinger e sua versão traduzida para o português brasileiro *O Apanhador no Campo de Centeio* (1965). A pesquisa se fundamenta numa análise teórica de algumas abordagens de tradução literária, com particular atenção à equivalência e à transposição de gírias. Adotando uma metodologia qualitativa e comparativa, o estudo analisa as gírias presentes no livro e como são traduzidas para o português-brasileiro. Os estudos dos teóricos Eugene Nida (1969), Jacques Derrida (1985) e Cristina Carneiro (2001) são utilizados como fundamentação para este artigo, pois oferecem bases sobre equivalência e práticas tradutórias, respectivamente. Os resultados obtidos mostram que a tradução de gírias em *The Catcher in the Rye* (1951) envolve complexidades decorrentes das nuances culturais e linguísticas. A análise revelou a necessidade de estratégias que mantenham uma equivalência com o significado original das gírias e expressões, ao mesmo tempo em que as adaptam ao contexto do idioma de destino, destacando um equilíbrio entre a fidelidade ao texto e a fluência no texto traduzido.

Palavras-chave: Tradução; Gírias; Equivalência; *The Catcher in the Rye*.

ABSTRACT

This article explores the process of translating slang and colloquial expressions, using as its object of study the work *The Catcher in the Rye* (1951) by Jerome David Salinger and its translated version into Brazilian Portuguese, *O Apanhador no Campo de Centeio* (1965). The research is based on a theoretical analysis of some approaches to literary translation, with particular attention to equivalence and slang transposition. Adopting a qualitative and comparative methodology, the study analyzes the slang present in the book and how they are translated into Brazilian Portuguese. The works of the theorists Eugene Nida (1969), Jacques Derrida (1985), and Cristina Carneiro (2001) are used as the foundation for this article, as they provide bases on equivalence and translational practices, respectively. The results obtained show that the translation of slang in *The Catcher in the Rye* (1951) involves complexities arising from cultural and linguistic nuances. The analysis revealed the need for strategies that maintain equivalence with the original meaning of the slang and expressions, while also adapting them to the context of the target language, highlighting a balance between fidelity to the text and fluency in the translated text.

Keywords: Translation; Slang; Equivalence; *The Catcher in the Rye*.

¹ Graduanda em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: dulce.freitas@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A tradução desempenha um papel fundamental na disseminação da literatura e da cultura em todo o mundo. Em um contexto globalizado, obras literárias frequentemente incorporam elementos linguísticos específicos, como as gírias e termos coloquiais, essas palavras são responsáveis pela incorporação da autenticidade linguística e da identidade cultural de cada obra. Suas traduções apresentam-se como um processo complexo para o campo da tradutologia, pois é uma prática que envolve uma transposição que pode refletir os valores, costumes e nuances sociais de sua origem e época.

Neste sentido, o livro *The Catcher in the Rye* escrito por Jerome David Salinger e publicado em 1951, destaca-se como um exemplo de obra literária que faz um uso diversificado de gírias e coloquialismos. A linguagem empregada por Holden Caulfield, o protagonista da obra, exhibe uma variedade dessas expressões ao longo da história, que por sua vez são utilizadas como uma ferramenta para realçar as vivências de um jovem na década de 50 e sua luta interna na busca por autenticidade em um mundo que ele percebe como superficial. Além disso, o uso desses elementos permite que o leitor adentre em suas emoções ao longo da narrativa.

Este estudo explora as complexidades que permeiam o processo da tradução das expressões idiomáticas presentes no livro escrito por Salinger, tais como a adaptação e transposição de um elemento da língua inglesa para a língua portuguesa. Acerca do conceito de adaptação, Heloísa Barbosa (1990, p. 44) explica que: “A adaptação é o limite extremo da tradução: aplica-se em casos onde a situação toda a que se refere a TLO não existe na realidade extralinguística dos falantes da LT”.

A necessidade de transmitir não apenas o significado literal, mas também o estilo e a conotação das expressões originais requerem uma compreensão profunda da cultura de origem e das nuances que permeiam cada idioma. São analisadas neste artigo as adversidades encontradas ao se traduzir a “voz” de Holden Caulfield, investigando como os aspectos de sua fala são “capturados” da língua inglesa para a portuguesa e o impacto dessas traduções na interpretação do personagem. Esses elementos corroboram com a criação de uma atmosfera autêntica e realista do mundo representado no livro, além de apresentar detalhes relevantes sobre a personalidade e a mentalidade do protagonista.

Realizada a comparação da edição original de *The Catcher in the Rye* escrita por Jerome Salinger (1951) com a edição de *O Apanhador no Campo de Centeio* (1951) publicada pela editora do Autor em 1965 e traduzida por Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster, é possível perceber que a tradução utilizada neste livro se equilibra, entre a fidelidade ao texto fonte e a acessibilidade que busca um melhor entendimento da obra para o público da língua portuguesa. A finalidade desta análise é oferecer novas perspectivas sobre a complexidade da tradução de gírias e seu papel na construção ou na alteração da imagem do personagem Holden Caulfield. O estudo dessas expressões se torna útil para o ensino de idiomas, fornecendo um material relevante para estudantes de línguas estrangeiras, pois, além do aumento e melhoria do seu vocabulário, o estudo facilitaria o acesso e a aprendizagem do discente sobre a cultura da sua língua estudada. Portanto, visa-se a compreensão das teorias tradutórias e parâmetros culturais estabelecidos e utilizados na realização do processo de tradução das gírias. Com base nisso, foram analisadas as escolhas lexicais, à fidelidade ao texto fonte e às adaptações necessárias para se manter uma semelhança entre as obras.

Este artigo apresenta uma pesquisa básica e de caráter qualitativo, ou seja, uma pesquisa que visa compreender um fenômeno ou problema de forma aprofundada, mas sem a intenção de criar teorias ou coletar dados, Gomes (2007) discorre que:

[...] a interpretação dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa não tem como finalidade contar opiniões ou pessoas. Seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar.

Esse estudo do material não precisa abranger a tonalidade das falas e expressões dos interlocutores porque, em geral, a dimensão sociocultural das opiniões e representações de um grupo que tem as mesmas características costuma ter muitos pontos em comum ao mesmo tempo que apresentam singularidades próprias (Gomes, 2007, p.79)

Além disso, foi utilizada na pesquisa uma abordagem descritiva e comparativa, que se concentra apenas na observação e análise de fenômenos específicos para que se seja obtida uma visão mais detalhada do objeto de estudo. Nessa perspectiva Neuman (2003) ressalta que: “A pesquisa descritiva envolve a coleta sistemática e precisa de dados para retratar com exatidão o que está sendo estudado, servindo como base para investigações posteriores” (p. 62).

Ademais, o artigo baseia-se na análise de traduções de gírias presentes no livro *The Catcher in the Rye* e suas equivalências na edição brasileira *O Apanhador no Campo de Centeio*. O objetivo é compreender como as gírias foram adaptadas e se a equivalência dinâmica foi empregada para manter o impacto emocional e cultural do texto fonte. Para isso, foram analisados trechos específicos das edições em inglês e português, identificando as intenções do autor e a adequação das traduções ao contexto linguístico e cultural do público-alvo.

Os estudos dos teóricos Eugene Nida (1969), Jacques Derrida (1985) e Cristina Carneiro (2001) são utilizados como fundamentação para este artigo, pois oferecem bases sobre equivalência, desconstrução e práticas tradutórias, respectivamente. Nida (1969), com sua obra *The Theory and Practice of Translation*, introduz o conceito de equivalência dinâmica, enfatizando a importância de transmitir na tradução um efeito semelhante ao que o TLO obteve sobre seus leitores. Jacques Derrida (1985), no ensaio *De Tours de Babel*, oferece uma perspectiva sobre a desconstrução dos textos originais e sua recontextualização em outra língua, sugerindo que a tradução é um processo de transformação e criação. Cristina Carneiro (2001), em *Tradução: a questão da equivalência*, destaca a importância de compreender o contexto sociocultural para uma tradução próxima ao texto fonte, abordando especificamente os desafios de traduzir gírias e expressões coloquiais. Os resultados obtidos mostram que a tradução de gírias em *The Catcher in the Rye* (1951) envolve complexidades decorrentes das nuances culturais e linguísticas.

Fundamenta-se principalmente na teoria da equivalência de Eugene Nida (1969), que por sua vez enfatiza a importância de o tradutor transmitir efeito semelhante ao que o texto fonte teria sobre o público-alvo. Nida (1969) distingue entre equivalência formal, que se concentra nas palavras exatas e na forma original e equivalência dinâmica, que busca adaptar o significado de maneira a ressoar de forma similar no contexto cultural do leitor da tradução. A equivalência dinâmica, por sua vez, se mostra uma ferramenta auxiliar para alcançar traduções que mantenham o impacto cultural das palavras, assegurando que elas permaneçam relevantes e compreensíveis para o público-alvo.

Além de Eugene Nida (1969), outros teóricos como Roman Jakobson (1959) e Jacques Derrida (1987) oferecem perspectivas complementares sobre o conceito de tradução equivalente. Jakobson (1959), por exemplo, destaca as diferentes funções da linguagem e a importância de encontrar correspondências adequadas entre os termos utilizados na língua de origem e de destino. Derrida (1987), por outro lado, questiona a própria possibilidade de uma tradução totalmente equivalente, argumentando que as diferenças entre as línguas e culturas sempre influenciam a tradução, tornando-a uma recriação do texto fonte. Esses teóricos enriquecem o debate sobre a tradução equivalente, destacando as complexidades e desafios inerentes à prática da tradução.

O entendimento das abordagens teóricas e dos desafios culturais presentes na tradução de gírias oferece esclarecimentos sobre o papel dos tradutores como mediadores culturais e linguísticos, enriquecendo assim o cenário da tradução. Busca-se o caminho para o equilíbrio

entre a fidelidade à cultura de origem e a compreensão por meio da tradução equivalente desses vocábulos dinâmicos.

2 DEFININDO AS GÍRIAS

Gírias consistem em palavras e expressões informais que são usadas dentro de grupos sociais específicos, muitas vezes para transmitir significados que são compreendidos apenas por membros desse grupo. Elas podem incluir novas palavras, abreviações, metáforas ou modificações do idioma padrão. As gírias podem ser usadas para criar um senso de pertencimento a um determinado contexto social, identificação ou para expressar uma ideia distinta dentro de um grupo, como entre jovens, pessoas de uma determinada profissão ou cultura. Elas tendem a evoluir ao longo do tempo e variar de região para região. Preti (2004) diz que:

[...] não é possível ignorar a gíria e sua ligação direta com a vida particularmente na cidade grande. Muito menos atribuir, inocentemente, sua presença na conversação à deficiência de leitura e escolarização, porque a gíria passou a constituir uma opção a mais em nosso repertório linguístico, um recurso muito expressivo para a representação de nossos sentimentos e de uma visão crítica do mundo em que vivemos (Preti, 2004, p. 69).

A influência dessas palavras na dinâmica linguística e social demonstra como as identidades culturais e sociais são formadas e expressas através da linguagem. As gírias, frequentemente vistas como um subproduto informal da linguagem, são na verdade indicadores de mudanças sociais, tecnológicas e culturais. Surgidas dentro de um contexto definido como uma forma de estabelecer e reforçar a unidade essas expressões informais são utilizadas para se obter uma comunicação de maneira prática e eficaz podendo simplificar ou encurtar a linguagem, tornando-a rápida e acessível. Preti (2006) destaca que:

[...] quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas, por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que comerciantes ambulantes, mascates, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação (p. 242).

As gírias servem a propósitos variados, funcionando como um meio de inclusão social em determinados grupos, enquanto representam uma barreira para aqueles que não estão familiarizados com seu uso. Tony Thorne (2014), em seu *Dictionary of Contemporary Slang*, destaca que as gírias são ferramentas essenciais para os jovens expressarem autonomia, pertencimento e resistência contra as normas estabelecidas pela sociedade mais ampla. Thorne (2014) também sugere que, ao usar gírias, os indivíduos não apenas fortalecem laços internos, mas também estabelecem barreiras simbólicas contra aqueles que não pertencem a um determinado grupo social:

A gíria é uma linguagem deliberadamente selecionada pela sua notável informalidade e é usada conscientemente em preferência à fala “adequada” (ou, mais raramente, à escrita). Geralmente se origina em pequenos grupos sociais. Para estes grupos, é um código privado que incorpora os seus valores e comportamentos particulares e reforça a sua exclusividade (Thorne, 2014, p. 7).

Por meio das gírias, podemos observar a inovação linguística em ação, bem como a interação entre linguagem, identidade e tecnologia. Sua análise e investigação não só enriquece nossa compreensão sobre a língua como fenômeno adaptativo e social, mas também desvenda os mecanismos através dos quais ela se renova e se adapta continuamente às novas realidades de seus usuários, demonstrando como a linguagem pode ser flexível, podendo assim, adquirir múltiplos sentidos, essa variedade é um exemplo de polissemia.

A polissemia destaca que as palavras e expressões podem conter diversos significados e que dependendo do contexto inserido eles são interconectados, ou seja, a polissemia ocorre quando uma palavra tem vários significados ou sentidos relacionados a ela, o que pode tornar a tradução complexa, pois o tradutor precisará determinar qual é sentido apropriado da palavra dentro do contexto da obra. Roman Jakobson (1959) explorou essa complexidade da tradução de palavras polissêmicas, afirmando que:

As palavras são polissêmicas a uma extensão variável e a tradução envolve vários equivalentes em função dessa polissemia. Este fato é crucial porque uma palavra em uma língua frequentemente exige que o tradutor escolha entre múltiplos possíveis equivalentes na língua alvo (Jakobson, 1959, p. 233).

A polissemia pode variar entre idiomas, o que torna a escolha da palavra ou expressão equivalente desafiadora. É importante lembrar que a polissemia é comum em todas as línguas e faz parte da riqueza e da complexidade da comunicação linguística. Portanto, os tradutores frequentemente dependem de seu conhecimento das culturas envolvidas e do contexto para tomar decisões durante o processo de tradução.

Quando aplicada à tradução de gírias, essa teoria enfatiza que algumas dessas palavras possuem camadas de significado e conotações que devem ser consideradas na escolha da tradução. Gírias são por natureza termos contextualizados e culturalmente específicos, e por esse motivo podem variar dentro de comunidades distintas, a depender também de um contexto social, faixa etária ou região.

É necessário reconhecer as nuances polissêmicas das gírias, selecionando as equivalentes que as definam melhor e consigam repassar ao receptor um significado linguístico parecido com o original, porém, em um novo contexto cultural. As gírias polissêmicas podem desempenhar um papel importante na comunicação, destacando a capacidade dos falantes de inovar a linguagem e de se conectarem através das palavras.

3 EQUIVALÊNCIA NA TRADUÇÃO: CONCEITOS E AVERSÕES

A teoria da equivalência, central nos âmbitos da tradutologia, refere-se à correspondência ou semelhança entre elementos, ela garante que eles transmitam significado ou efeitos semelhantes em diferentes contextos, especialmente na tradução e comunicação intercultural. Desenvolvida e estudada por teóricos como Eugene Nida (1964), a teoria divide-se principalmente entre equivalência formal e equivalência dinâmica.

A equivalência formal busca por meio de traduções precisas reproduzir o texto fonte o mais fielmente possível. Tem o objetivo de manter as características linguísticas do texto de origem, incluindo ordem das palavras, construções gramaticais e outros aspectos.

Nida (1964 p. 12) concluiu que "Na equivalência formal, a maior atenção é dada às características formais do texto fonte, tanto quanto possível, incluindo não apenas os significados das palavras, mas também a sintaxe, a gramática, e outras características estilísticas". Isso é particularmente relevante em contextos em que a precisão técnica é importante, como em documentos legais, médicos, ou científicos, pois qualquer alteração pode induzir a interpretações errôneas. Sendo assim, a equivalência formal é uma das abordagens utilizada em situações tradutórias que dão ênfase na precisão do conteúdo. No entanto, é

importante que os tradutores avaliem cuidadosamente quando essa abordagem é apropriada, considerando as necessidades específicas do texto e do público-alvo.

Já a equivalência dinâmica, destaca a importância de transmitir o significado e o efeito do texto fonte na língua alvo de uma maneira que seja tão natural e compreensível quanto possível para o público-alvo. Este tipo de equivalência foca menos na correspondência exata das palavras e mais na transferência dos significados e impactos culturais do texto. Ainda para Nida (1964, p. 159) “Na equivalência dinâmica, a relação entre receptor e mensagem deveria ser substancialmente a mesma que existia entre os receptores originais e a mensagem.” Diferente da equivalência formal, que busca uma aderência estrita à forma textual primária, a equivalência dinâmica se esforça para adaptar o texto de forma que alcance o novo público de maneira similar.

No contexto da tradução de gírias, observamos a utilização da equivalência dinâmica. A tradução desses vocábulos de forma dinâmica preserva principalmente a funcionalidade e o impacto causado pelas gírias em sua escrita na LO, ou seja, além do seu significado literal, os tradutores tornam-se responsáveis por buscar e repassar a identidade cultural presente na gíria desde sua origem. Logo, é transmitido ao leitor uma recepção ao TLT semelhante ao texto na LO, essa adaptação da tradução é um aspecto da teoria da equivalência dinâmica e um conceito na tradução de gírias.

Entretanto, essas teorias seguem sendo analisadas e questionadas ao longo do tempo, Jacques Derrida (1985) em sua obra *Des Tours de Babel* critica o conceito tradicional de equivalência na tradução, argumentando que uma correspondência exata entre textos de diferentes línguas é essencialmente impossível. Para Derrida (1985, p. 34) "O ato de tradução com rigor não é possível, uma tradução perfeita seria transparente e não deixaria traço". O autor destaca que o significado das palavras é fluido e indefinido, o que faz com que a tradução seja uma forma de interpretação. Derrida ressalta que o tradutor inevitavelmente faz escolhas subjetivas que podem distorcer ou reconfigurar o texto fonte, sugerindo que toda tradução é também uma recriação. Essa perspectiva questiona a ideia de que uma tradução pode ser completamente idêntica ao texto fonte.

A partir das críticas de Jacques Derrida (1985), Cristina Carneiro Rodrigues (2001) aprofundou-se na discussão explorando a ideia de que a equivalência na tradução não é um processo de replicação exata devido à natureza diferente das palavras. A autora argumenta que cada ato de tradução é, de fato, um ato de reinterpretação e negociação entre culturas e idiomas, pois os significados são continuamente deslocados e redefinidos:

A noção de equivalência como proposta nos textos em que é central pressupõe que os intercâmbios linguísticos possam se realizar com perfeito equilíbrio, em uma relação idealizada entre povos e culturas, em que duas línguas estão em posição simétrica. Pensar sobre a questão da multiplicidade de línguas e a da violência cultural, significa desmascarar essa noção de equilíbrio, pois as escolhas do tradutor sempre apontam para a construção de valores - que nunca estão em perfeita simetria (Rodrigues, 2001, p. 92).

Contestando assim a noção de fidelidade na tradução, a autora propõe abordagem mais fluida e dinâmica que reconhece e incorpora a complexidade das interações linguísticas e culturais, como a chamada equivalência funcional, que se refere ao processo do encontro de palavras que tenham uma semelhança entre a língua do texto fonte e a traduzida, produzindo um efeito também equivalente no leitor, mas que não precisa ser necessariamente idêntico. Para Rodrigues (2001, p. 95) “O que é impossível não é a tradução, mas a noção de tradução de que se parte para pensar nessa impossibilidade: uma concepção que espera que a tradução repita o texto fonte, que seja seu equivalente, que reproduza seus valores.”

No contexto da tradução de gírias, significa que a tradução não necessariamente precise ser idêntica, mas preserve a funcionalidade e a “lógica” das gírias originais, ou seja, além do seu

significado literal, os tradutores serão responsáveis por buscar e repassar a uma identidade cultural² e contextos presentes nas gírias. Nessa perspectiva, Nida e Taber (1969) salientaram que:

Se olharmos as traduções em termos dos receptores, ao invés de olharmos em termos de suas respectivas formas, então apresentamos outro ponto de vista: a inteligibilidade da tradução. Tal inteligibilidade, entretanto, não pode ser medida apenas em termos de se as palavras são compreensíveis e como as sentenças são construídas gramaticalmente, mas em termos do impacto total que a mensagem tem aqueles que irão recebe-la (Nida e Taber, 1969, p. 22).

As teorias e críticas ressaltam a complexidade da tradução como um ato que transcende uma simples substituição de palavras, envolvendo uma complexa compreensão das mudanças sociais e culturais, o que destaca a tradução não apenas como uma habilidade técnica, mas como um trabalho de interpretação e adaptação.

4 ANÁLISE DA OBRA

The Catcher in the Rye, escrito por Jerome Salinger e publicado pela primeira vez em 1951, é uma obra da literatura americana do século XX que narra alguns dias na vida de Holden Caulfield, um adolescente que conta sobre suas experiências em Nova York após ser expulso de *Pencey Prep*, uma escola preparatória para meninos. Ao longo do romance, Holden interage com diversos personagens e revela seus pensamentos íntimos e intrusivos. A narrativa é conhecida por sua representação da adolescência em sua época.

O romance é contado em primeira pessoa por Holden, permitindo que os leitores tenham uma conexão direta com seus pensamentos e emoções. Holden usa uma linguagem coloquial e cheia de gírias para expressar sua visão crítica do mundo, o personagem é marcado por uma profunda desconfiança em relação aos adultos e a solidão que o rodeia, perspectiva relevante para entender a importância das gírias na obra.

A linguagem coloquial de Holden reflete sua identidade juvenil e sua resistência contra os adultos, além de criar uma intimidade com o leitor. As gírias usadas por ele servem como um mecanismo para diferenciá-lo daquelas pessoas que o mesmo considera superficiais, ou seja, são como ferramentas literárias utilizadas por Salinger para oferecer autenticidade à voz de Holden.

Como exemplo, Holden frequentemente usa a palavra *phony* para descrever as pessoas ao seu redor, desde professores e colegas até adultos que encontra em bares e hotéis. Essa gíria, em particular, é central para o tema do romance: a autenticidade versus a falsidade. Holden vê a maior parte do mundo adulto como artificial e desprovido de sinceridade, uma perspectiva que é intensificada pelo seu uso desdenhoso de *phony*, que na língua portuguesa pode ser representado pelo uso da palavra “falso”. Como na seguinte fala: *I was surrounded by phonies* (Salinger, 1951, p. 70) Esta escolha de palavra revela seu descontentamento e sua luta para manter sua própria integridade em um mundo que ele percebe como falho.

Ademais, as gírias e expressões coloquiais presentes em *The Catcher in the Rye* são fundamentais para o desenvolvimento do personagem Holden e para a crítica mais ampla de Salinger à superficialidade e à perda de inocência na sociedade americana como é observado no título do romance, referindo-se a um sonho de Holden de ser "O Apanhador no Campo de Centeio", em seu sonho o protagonista salva crianças de cair de um penhasco, simbolizando sua aversão à falsidade adulta e seu desejo de preservar a inocência e pureza das crianças, tanto a sua própria quanto a dos outros.

² Percepção coletiva de um grupo de pessoas, como se encaixam em uma cultura específica.

Portanto, as palavras informais presentes na obra são importantes para a construção do personagem e sua credibilidade, além de ser um elemento presente na crítica social que Salinger faz através de seu protagonista. Veremos como exemplo a seguir algumas das gírias mais utilizadas pelo protagonista Holden Caulfield e como foram adaptadas e transferidas para *O Apanhador no Campo de Centeio* (1965) nome dado à edição traduzida para a língua portuguesa por Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster e lançada pela Editora do Autor.

Em *The Catcher in the Rye* de J.D. Salinger, a gíria *crumby* é utilizada por Holden Caulfield para descrever algo que ele considera de má qualidade, sujo ou desagradável, como por exemplo na seguinte frase: “He was a very Crumby guy. He was a good guy, though” (Salinger, 1951, p. 91). Essa frase foi traduzida como: “Ele era um cara muito pé-de-chinelo. Mas era um bom sujeito” (Salinger, 1965, p. 92). Os parâmetros tradutórios utilizados nesta frase são classificados também como equivalentes dinâmicos, pois, foi realizada uma tradução que optou por adentrar em um contexto cultural da língua de destino, neste caso, no contexto cultural brasileiro, o termo “pé-de-chinelo” é utilizado informalmente para definir algo como inferior. De acordo com o *Oxford English Dictionary* o significado literal da palavra é “quebradiço”³, ou seja, algo de qualidade inferior, a escolha “pé-de-chinelo” para *crumby* manteve o sentido dado à gíria no texto fonte, adaptando-a para uma expressão utilizada e compreensível na língua portuguesa.

Na obra, a gíria *dough* é usada por Holden para se referir a dinheiro. É uma expressão coloquial comum no inglês americano, como podemos ver no seguinte exemplo: “He didn’t care how much dough I spent” (Salinger, 1951, p. 93) Que foi traduzido como: “Ele não se importava com quanto dinheiro eu gastava” (Salinger, 1965, p. 94). Holden usa *dough* para se referir ao dinheiro de maneira informal e descontraída, refletindo sua atitude despreocupada em relação a sua educação financeira. Nesta tradução foi usada a equivalência formal, pois foi mantida a mesma estrutura gramatical básica e a função original da palavra, a representação de uma unidade de valor financeiro. No *Cambridge Dictionary* o significado dado para a gíria é: “dinheiro”⁴. Portanto, a escolha de “dinheiro” para *dough* manteve o mesmo sentido e casualidade do termo, sendo assim compreensível na língua portuguesa.

O vocábulo *flit* é usado de forma pejorativa por Holden Caulfield para se referir a homens que ele considera homossexuais. A utilização do termo reflete os costumes da época em que a obra foi escrita. Um exemplo desse uso é visualizado no trecho: “Old Luce knew who every flit and Lesbian in the United States was” (Salinger, 1951, p. 146). O protagonista utilizou do vocábulo para descrever uma pessoa de maneira depreciativa. Esse trecho foi traduzido como: “O velho Luce sabia quem era cada bicha e lésbica nos Estados Unidos” (Salinger, 1965, p. 160) O termo *flit* pode apresentar diferentes significados dependendo apenas do contexto em que é utilizado, a partir do *Oxford English Dictionary*, um de seus significados é: “voar”⁵. Em *The Catcher in the Rye* a gíria é utilizada como forma de ofensa, mostrando um lado da sociedade da época e suas percepções sobre a sexualidade. Portanto, a equivalência dinâmica utilizou da escolha de “bicha” para *flit*, o que manteve o tom ofensivo do termo original, refletindo os preconceitos do personagem, ao mesmo tempo que adapta a expressão para o português.

A gíria *goddam* é usada frequentemente por Holden Caulfield como uma forma de expressar frustração, irritação ou dar ênfase em alguma frase. Como exemplo o trecho a seguir: “That’s goddam ridiculous” (Salinger, 1951, p. 47) que em sua forma traduzida tornou-se: “Isso

³ Disponível em: <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=crumby> Acesso em: 05 maio 2024.

⁴ Original: *Money*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/dough> Acesso em: 30 maio 2024.

⁵ Disponível em: <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=FLIT&tl=true> Acesso em: 05 maio 2024.

é ridículo pra caramba” (Salinger, 1965, p. 49). Segundo o *Cambridge Dictionary*, o vocábulo *Goddam* é uma variante de *Goddamn* que é: “usado para enfatizar o que foi dito”⁶ (Tradução nossa). A tradução do termo utilizou da equivalência dinâmica, pois procurou transmitir o mesmo sentido do texto fonte adaptando a gíria para a palavra “caramba” que foi capaz de preservar a expressividade do vocábulo.

Em *The Catcher in the Rye* a gíria *lousy* é utilizada por Holden Caulfield para descrever algo que ele considera ruim, podendo ser usada também como uma forma de insulto. Como podemos observar nos exemplos a seguir: “He’s a lousy bastard” (Salinger, 1951, p. 52); “It was a lousy day” (Salinger, 1951, p. 64); “I felt so damn lousy” (Salinger, 1951, p. 125). Essas frases foram traduzidas como: “Ele é um bastardo desprezível” (Salinger, 1965, p. 51); “Foi um dia péssimo” (Salinger, 1965, p. 55); “Eu me sentia um lixo” (Salinger, 1965, p. 127). Na tradução, a escolha das palavras “desprezível” “péssimo” e “lixo” são exemplos da equivalência dinâmica, pois buscou transmitir o sentido do texto fonte para os leitores da língua de destino, adaptando a gíria em diferentes contextos e traduções, não optando por uma correspondência regrada ao literal ou ao mais utilizado, que de acordo com o *Cambridge Dictionary* seria: “ruim ou desagradável”⁷ (Tradução nossa).

A palavra *moron* é usada por Holden Caulfield para descrever alguém que ele considera “estúpido”. É um termo ofensivo que reflete a irritação ou desprezo de Holden para com alguém. Como exemplo no trecho: “The bartender was a moron, too. He was a big snob” (Salinger, 1951, p. 72). Neste trecho Holden usa *moron* para expressar sua irritação ao se recordar de alguém. Na tradução: “O barman também era um idiota. Ele era um grande esnobe” (Salinger, 1965, p. 69). De acordo com o *Cambridge Dictionary*, a definição da gíria *moron* seria: “uma pessoa muito estúpida”⁸. Portanto, a equivalência dinâmica foi utilizada na escolha da palavra “idiota” para *moron*, mantendo o sentido desrespeitoso e irritado que Holden indagou em sua fala.

A gíria *phony* utilizada em *The Catcher in the Rye* pelo protagonista é empregada com o objetivo de descrever pessoas que o personagem considera “dissimuladas”, como podemos observar no seguinte trecho da obra: “If you sat around there long enough and heard all the phonies applauding and all, you got to hate everybody in the world, I swear you did” (Salinger, 1951, p. 126). Em sua tradução para o português: “Se você ficasse ali tempo suficiente e ouvisse todos os falsos aplaudindo e tal, acabava odiando todo mundo, juro que sim” (Salinger, 1965, p. 137). A tradução realizada pode ser classificada como tradução equivalente dinâmica. A partir do *Cambridge dictionary*, a gíria *phony* tem como definição: “não sincero ou não real”⁹, ou seja, algo falso, intencionado a enganar. A escolha da palavra “falsos” para *phonies* mantém o sentido primordial da gíria e capturou a essência do que Holden quer transmitir sobre as pessoas que ele considera não autênticas ou superficiais em sua visão crítica.

Na obra, a gíria *screwball* é usada para descrever alguém que aparenta ser excêntrico ou “esquisito”. Como podemos ver no seguinte trecho: “That guy’s a screwball” (Salinger, 1951, p. 100). Em tradução: “Aquele cara é maluco” (Salinger, 1965, p. 102). Holden utiliza o termo para caracterizar pessoas que ele considera “anormais”, o que reflete sua tendência de julgar os outros de maneira direta, mas desrespeitosa. Segundo o *Cambridge Dictionary* a definição da palavra *screwball* é: “Uma pessoa que se comporta de maneira estranha e engraçada” (Tradução nossa). Portanto, a escolha de “maluco” para *screwball* mantém o sentido ofensivo e o tom

⁶ Original: *used to add emphasis to what is being said*. Disponível em:

<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/goddamn> Acesso em: 30 maio 2024

⁷ Original: *bad or unpleasant*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/lousy> Acesso em: 30 maio 2024.

⁸ Original: *a very stupid person*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/moron> Acesso em: 30 maio 2024.

⁹ Original: *not sincere or not real*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/phony> Acesso em: 30 maio 2024.

coloquial do termo, adaptando-o para uma expressão compreensível em português, características da equivalência dinâmica.

Holden utiliza a palavra *swell* para descrever algo que avalia como ótimo ou positivo. Como exemplo: “She’s a swell kid. She was about the best girl I ever met” (Salinger, 1951, p. 83). Que foi traduzida como: “Ela era uma garota fantástica. Era a melhor garota que já conheci” (Salinger, 1965, p. 83). Holden usa *swell* para descrever pessoas de forma positiva, fugindo de suas características geralmente insultantes ou raivosas. A utilização da palavra “fantástica” como tradução para a gíria também se dá pela utilização da equivalência dinâmica. Em inglês *Swell* é tida como uma gíria antiga, que de acordo com o *Cambridge Dictionary* tem como significado literal: “muito bom ou agradável”¹⁰. A equivalência dinâmica preservou o sentido elogioso e enfático do trecho, tornando-o compreensível e notável na língua portuguesa.

Por fim, a gíria *yellow* é usada por Holden Caulfield para descrever alguém que ele considera covarde ou medroso. É um termo utilizado para sugerir falta de coragem, como no exemplo a seguir: “I’m not too tough. I’m a pacifist if you want to know the truth. I don’t like fighting at all. But it worries me sometimes that people might think I’m yellow” (Salinger, 1951, p. 46). Que na tradução ficou: “Eu não sou muito durão. Sou pacifista, se quer saber a verdade. Não gosto de brigar de jeito nenhum. Mas me preocupa às vezes que as pessoas possam pensar que sou covarde” (Salinger, 1965, p. 50). Holden usa *yellow* para descrever sua própria falta de coragem, revelando um aspecto vulnerável de seu caráter e mostrando sua autoconsciência sobre suas fraquezas. Normalmente a palavra é utilizada para definir a cor amarela, mas como foi visto no trecho, pode ser usada com outros sentidos, a depender do contexto, neste caso, a equivalência dinâmica fez a escolha de “covardes” para *yellow* manter o sentido de autocrítica de Holden.

As traduções das gírias utilizadas em *The Catcher in the Rye* ilustram a complexidade da tradução literária, especialmente quando o texto fonte possui vocábulos e coloquialismos específicos de uma época. As gírias, essenciais para a voz narrativa de Holden Caulfield, são uma forma de expressão, da sua visão de mundo e de sua rebeldia. O processo de traduzir essas expressões para outras línguas requer não só um profundo conhecimento linguístico, mas também uma sensibilidade de mundo, para que a obra traduzida possa se assemelhar com a original.

O principal desafio na tradução das gírias de *The Catcher in the Rye* reside em imersão nos contextos sociais específicos dos Estados Unidos no período pós-guerra, marcado por uma profunda desilusão e mudanças significativas na sociedade. Após a Segunda Guerra Mundial, muitos americanos enfrentaram uma sensação de vazio e desencanto, questionando os valores e instituições tradicionais. Essa desilusão é refletida no personagem Holden Caulfield, que compartilha dessa sensação de alienação e desajuste social.

O uso de gírias por Holden pode ser entendido como uma forma de se distanciar da sociedade que ele considera falsa e hipócrita, buscando sua própria identidade em um mundo superficial após a guerra. Holden usa gírias que expressam sua juventude e estes vocábulos exigem uma determinada compreensão por parte dos tradutores. A escolha de palavras em tradução não se limita a encontrar o equivalente direto em outro idioma; é, sobretudo, uma tentativa de recriar a “atmosfera”¹¹ do TLO. Implicando em traduzir o que as gírias carregam, que pode ser especialmente difícil quando não há equivalente direto na língua de destino.

Isso pode exigir do tradutor a criação de novas gírias ou a adaptação de expressões já existentes que ressoem de maneira parecida ao público da língua de destino. Em alguns casos, o tradutor pode optar por preservar a gíria original, adicionando notas de rodapé que expliquem seu contexto e significado. Este procedimento é denominado Transferência com Explicação,

¹⁰ Original: *very good or pleasant*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/swell>
Acesso em: 30 maio 2024.

¹¹ Mesmo efeito.

acerca deste procedimento, Heloísa Gonçalves Barbosa (1990, p. 42) explica que: “A condição necessária para o emprego da transferência na tradução é que o leitor possa apreender seu significado através do contexto.” Esta abordagem pode ser útil em preservar o perfil único do texto fonte, entretanto, também pode confundir leitores que não estão familiarizados com as variações culturais da língua inglesa.

A questão da fidelidade ao TLO versus a liberdade criativa é outra demanda na tradução da obra. Um equilíbrio entre esses dois pontos é fundamental. Uma tradução rigorosamente fiel pode resultar em um texto que soa estranho ou inacessível ao público da língua de destino, enquanto uma liberdade excessiva pode distorcer a voz do personagem e a intenção do autor.

Uma tradução equivalente de *The Catcher in the Rye* oferece aos receptores da língua de destino a oportunidade de experimentar uma perspectiva semelhante de como seria se estivessem lendo em sua escrita original. Ela permite que texto (independente da língua que for traduzido) mantenha seu estilo, o estilo do seu autor, ou se assemelhe a eles, transcendendo as barreiras linguísticas e ampliando o alcance da obra, corroborando para a conquista de novos leitores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou como objetivo principal explorar a tradução de gírias e expressões coloquiais na obra *The Catcher in the Rye* de Jerome David Salinger, dando enfoque especialmente a questão da equivalência na tradução. A análise se aprofundou na maneira como diferentes traduções abordaram o texto, buscando manter ou adaptar o impacto original das gírias utilizadas pelo protagonista, Holden Caulfield, cuja voz narrativa corrobora com a autenticidade da obra.

A investigação iniciou-se com uma revisão teórica das abordagens sobre equivalência em tradução, com particular atenção aos conceitos de equivalência formal e dinâmica. Foi evidenciado que enquanto a equivalência formal prioriza uma correspondência direta e literal entre o texto fonte e o texto alvo, a equivalência dinâmica se esforça para adaptar o texto de forma a ressoar emocional e culturalmente com o público-alvo. Esta distinção foi necessária para o entendimento das diferentes estratégias adotadas pelos tradutores ao enfrentar a complexidade das gírias presentes no texto.

O estudo empregou uma metodologia comparativa, analisando a obra fonte e uma de suas traduções para a língua portuguesa, mais precisamente, a edição traduzida por Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster e publicada pela Editora do Autor. Através desta análise, foi possível observar que as traduções das gírias que optaram pela equivalência dinâmica visaram preservar o tom e a intenção de Salinger, de uma forma que tenha sentido e seja “natural” para o público-alvo. Em contraste, as traduções que aderem estritamente à equivalência formal podem resultar em textos rígidos e menos envolventes.

Este trabalho também discutiu as implicações culturais da tradução de gírias, ressaltando como nuances culturais podem alterar a percepção de textos literários. Foi observado que as gírias requerem não apenas uma tradução linguística, mas uma reinterpretação que considera as realidades socioculturais do público-alvo.

Concluindo, este artigo não apenas analisou as complicações que permeiam a tradução de gírias, mas também destacou a importância de uma abordagem equilibrada que considere tanto a fidelidade ao texto fonte quanto a necessidade de adaptação cultural. Espera-se que as análises aqui apresentadas contribuam para a prática de tradução, especialmente no que se refere à preservação da voz autêntica em obras traduzidas. Este trabalho reflete uma contribuição significativa para o campo da tradução e suas ramificações, reforçando a necessidade de uma compreensão mais profunda dos mecanismos envolvidos na tradução literária e suas implicações culturais.

A tradução do livro para o português é uma tarefa complexa que exige sensibilidade e criatividade. Embora existam perdas na tradução de uma língua para a outra, a preservação do estilo da obra de Salinger na edição aqui analisada foi mantida, garantindo uma experiência equivalente à do texto fonte para os leitores da língua portuguesa. As traduções, apesar das limitações, permitem que novos públicos experimentem a narrativa de Holden Caulfield, corroborando para que a obra literária alcance jovens e adultos ao redor do mundo.

6 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Heloísa G. **Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1990.

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. **Cambridge Dictionary**. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org>. Acesso em: 30 maio 2024.

CRESWELL, J. W. (2014). **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. 4th ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

DERRIDA, Jacques. **De la grammatologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.

DERRIDA, Jacques. **Des Tours de Babel**. In: *Difference in translation*. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

GOMES, R. **Análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa**. In: *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Revista e atualizada. 25 Ed. Petrópolis: Vozes, 2007. P. 79-108.

JAKOBSON, Roman. **On Linguistic Aspects of Translation**. Brower, R. A. *On translation*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1959.

JAKOBSON, Roman. **Os aspectos linguísticos da tradução**. 20 ed. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. **Oxford English Dictionary**. Disponível em: <https://www.oed.com/?tl=true> . Acesso em: 05 maio 2024.

NEUMAN, W.L. **Social Research Methods: Qualitative and Quantitative Approaches**. New York: Allyn and Bacon, 2003.

NIDA, Eugene A. **Toward a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involws in Bible Translating**. Leiden: E.J. Brill, 1964.

NIDA, Eugene A; TABER, Charles R. **The Theory and Practice of Translation**. Leiden: E.J. Brill, 1969.

PRETI, Dino. **A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

PRETI, Dino. **Estudo de Língua Oral e Escrita**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução: A Questão da Equivalência**. São Paulo: Revista de Linguística, 2001.

SALINGER, J. D. **O Apanhador no Campo de Centeio**. Tradução de Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster. São Paulo: Editora do Autor, 1965.

SALINGER, J. D. **The Catcher in the Rye**. 1. ed. Boston: Little, Brown and Company, 1951.

THORNE, Tony. **Dictionary of Contemporary Slangs**. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2014.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation**. Londres: Routledge, 2008.